

## **PROJETO TEIA**

### **construindo uma rede colaborativa de compartilhamento de saberes na Universidade**

Gesner Duarte Pádua<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

Este artigo aborda a implementação do projeto de extensão “Teia: rede colaborativa de compartilhamento de saberes na universidade”, desenvolvido ao longo do ano de 2018 na UFMT/CUA. O projeto promove minicursos e oficinas ministrados por alunos e ex-alunos de graduação que participaram durante sua trajetória acadêmica de atividades de pesquisa, extensão e monitoria. Ao trabalhar com ações educativas nas quais os próprios estudantes são os principais agentes, o projeto propicia um movimento circular de ensino-aprendizagem, de troca de conhecimentos: o aluno, que em um momento assume o papel de professor, aperfeiçoando e amadurecendo seus conhecimentos por meio do exercício da pesquisa e da prática docente, em outra ocasião poderá estar na posição de aprendiz de outros conteúdos ministrados por seus colegas ou ex-colegas, enriquecendo seu repertório técnico e cultural. Da mesma forma, cria-se um ambiente pedagógico mais informal, colaborativo e receptivo às pessoas da comunidade externa que buscam oportunidades de educação continuada para além dos cursos regulares de longa duração. Assim, cumpre-se, por parte da universidade, o seu dever de articular de forma indissociável as atividades de ensino, pesquisa e extensão e, especialmente, de promover uma relação mais próxima com as comunidades interna e externa, contribuindo para a disseminação e democratização de saberes produzidos nos seus espaços.

#### **Palavras-chave:**

Aprendizagem colaborativa. Compartilhamento de saberes. Introdução à docência. Articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

## **PROYECTO TEIA**

### **Construyendo una red colaborativa de intercambio de saberes en la Universidad**

#### **Resumen:**

Este artículo es un relato de experiencia del proyecto de extensión "Teia: red colaborativa de intercambio de saberes en la universidad", desarrollado a lo largo del año 2018 en la UFMT/CUA. El proyecto promueve minicursos y talleres impartidos por alumnos y ex alumnos de graduación que participaron durante su trayectoria académica de actividades de investigación, extensión y monitoreo. Al trabajar con acciones educativas en las que los propios estudiantes son los principales agentes, el proyecto propicia un movimiento circular de enseñanza-aprendizaje, de intercambio de conocimientos: el alumno que en un momento asume el papel de profesor, perfeccionando y madurando sus conocimientos por medio del ejercicio de la investigación y de la práctica docente, en otra ocasión podrá estar en la posición de aprendiz de otros contenidos impartidos por sus colegas o ex colegas, enriqueciendo su repertorio técnico y cultural. De la misma forma, se crea un ambiente pedagógico más informal, colaborativo y receptivo a las personas de la comunidad externa

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação e Semiótica. Instituto de Ciências Humanas e Sociais- ICHS/UFMT/CUA. E-mail: [gesnerduarte@hotmail.com](mailto:gesnerduarte@hotmail.com)

que buscan oportunidades de educación continuada más allá de los cursos regulares de larga duración. Así, por parte de la universidad, se cumple deber de articular de forma indisociable las actividades de enseñanza, investigación y extensión y, especialmente, de promover una relación cercana con las comunidades interna y externa, contribuyendo a la diseminación y democratización de saberes producidos en sus espacios.

**Palabras clave:**

Aprendizaje colaborativo. Compartir conocimientos. Introducción a la docencia. Articulación entre enseñanza, investigación y extensión.

## **Introdução**

A produção de saberes na universidade se dá de forma difusa e complementar, em diferentes ambientes e contextos. Acontece de forma tradicional, por meio das disciplinas regulares oferecidas pelos cursos, de grupos e projetos de pesquisa, extensão, monitorias, tutorias e ainda em outros espaços e atividades de construção de conhecimento que a instituição de ensino pública propicia aos estudantes do ponto de vista da sua formação intelectual, profissional e humanística.

Nesse contexto, a construção do conhecimento também é fomentada por meio de atividades acadêmicas e científicas extracurriculares e intermitentes como minicursos, oficinas, palestras, seminários e congressos. São ações que, em sua maioria, tradicionalmente são organizadas, ministradas e conduzidas por docentes. Aos estudantes, em geral, é reservado um papel secundário. Entretanto, uma participação mais ativa e protagonista dos discentes nessas atividades complementares pode contribuir muito para a qualidade e a solidez da sua formação ao longo da graduação, costurando conhecimentos e práticas oriundos de suas experiências nessas atividades. Além disso, a esses alunos também se oportuniza uma introdução ao mundo da docência, na medida em que, no papel de ministrantes, eles precisam lidar com atividades que estão na rotina de todos nós, professores: pesquisa, planejamento, capacidade didática, etc. Por outro lado, também há um ganho com a disseminação de conhecimentos para as comunidades interna e externa promovida pelos próprios estudantes.

A reflexão sobre esses fatores foram o ponto de partida para a proposição do projeto de extensão “Teia: rede colaborativa de compartilhamento de saberes na universidade”, experiência a qual relato e discuto neste artigo no sentido de contribuir como subsídio a outras iniciativas que possam ser tomadas no mesmo sentido.

O principal objetivo do projeto, desenvolvido no Campus Araguaia da Universidade Federal de Mato Grosso ao longo do ano de 2018, é fomentar o compartilhamento dos saberes adquiridos pelos discentes ao longo da sua trajetória acadêmica: nas disciplinas cursadas, nos grupos e projetos e em diversos outros espaços e atividades de construção de conhecimento. O elemento material que dá corpo empírico a esse propósito é um conjunto de oficinas e minicursos ministrados por alunos e ex-alunos de cursos de graduação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT/CUA para pessoas das comunidades internas e externa.

A premissa para a seleção dos estudantes ministrantes era que eles estivessem, em sua maioria, envolvidos em atividades como pesquisa, extensão e monitoria. Assim, cumpre-se também, por parte da universidade, o seu dever de articular de forma indissociável as atividades de ensino, pesquisa e extensão e, especialmente, de promover uma relação próxima com a comunidade externa, contribuindo para a disseminação e democratização de saberes produzidos nos espaços internos e, ao mesmo tempo, trazendo a comunidade para dentro desses espaços educacionais.

Ao trabalhar com atividades educativas nas quais os próprios estudantes são os principais agentes, o projeto propicia um movimento circular de ensino-aprendizagem, de troca de conhecimentos: o aluno que em um momento assume o papel de professor, aperfeiçoando e amadurecendo seus conhecimentos por meio do exercício da pesquisa e da prática docente, em outra ocasião poderá estar na posição de aprendiz de outros conteúdos ministrados por seus colegas ou ex-colegas, enriquecendo seu repertório técnico e cultural.

Da mesma forma, cria-se ainda um ambiente pedagógico mais informal, colaborativo e receptivo às pessoas da comunidade externa que buscam na instituição oportunidades de educação (continuada, especialmente) para além dos cursos regulares de longa duração por ela oferecidos, em sua maioria dependentes de processos burocráticos e rígidos de seleção que acabam distanciando o ambiente universitário da realidade de grande parte dessa população. Assim, o intuito do projeto é colocar a universidade no centro de uma teia, de uma rede de disseminação e compartilhamento de saberes que envolva alunos, ex-alunos, professores e a comunidade externa regional na qual a instituição de ensino está inserida.

Este artigo é um relato de experiência do trabalho desenvolvido no projeto de extensão, a metodologia adotada e os resultados parciais percebidos nos seus primeiros cinco meses (maio a setembro de 2018).

## **Dividindo conhecimentos para somar**

Ao pensarmos sobre as atividades de ensino que tangenciam as práticas tradicionais formalmente instituídas no currículo dos cursos, podemos considerá-las inseridas naquilo que Martinez (2009) chama de uma “aula depois da aula”: ambientes, espaços, temporalidades e práticas educativas para além dos convencionais. Nesse sentido, vale refletirmos sobre o próprio conceito de “sala de aula universitária”, muito associado, conforme aponta Massetto (2001), a modelos formativos tradicionais, que têm nas disciplinas semestrais ministradas em um determinado ambiente formal, por um professor pós-graduado, visto como detentor único do saber, o seu centro quando se pensa em processos de ensino-aprendizagem. Entretanto, conforme já ensinou Paulo Freire (1987; 2002), é preciso se atentar, de forma complementar aos modelos tradicionais, a outras configurações e possibilidades formativas nos espaços educativos que estimulem os aprendizes a exercer sua autonomia, curiosidade, criatividade, interesse, potencialidades e confiança. Mais ainda, que lhes ajude a aperfeiçoar e amplificar o processo de construção de conhecimentos nesses espaços tradicionais.

Pensar em alternativas que oxigenem essas práticas e integrem a elas alternativas e experiências diferentes constitui-se em um desafio para as instituições de ensino, especialmente as universidades públicas, que trabalham com um paradigma mais sofisticado e complexo de produção de conhecimento. Para Coutinho e Lisbôa (2011, p. 5),

[...] o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida.

Nesse sentido, é importante pensar também como fomentar nos estudantes, seres em processo de formação, a curiosidade, a motivação, o desejo de ampliar e refinar os conhecimentos construídos no seu percurso acadêmico na universidade por meio de atividades complementares das quais eles sejam protagonistas ou, pelo menos, agentes bastante ativos.

Observamos com frequência, no dia a dia da nossa prática docente, o destaque que muitos estudantes revelam por meio da sua rotina de estudos, com domínio acima da média de conteúdos, habilidades e competências. Temos, por exemplo, verdadeiros "especialistas" em questões ambientais, literatura, comunicação comunitária, produção de vídeo, questões de gênero, direito, etc. Geralmente também são alunos que buscam através dos programas de pesquisa, extensão, tutoria e monitoria, meios para ampliar o seu conhecimento, visando uma



formação profissional e cultural mais completa. Entretanto, se desejam seguir carreira acadêmica, posteriormente, encontram poucas oportunidades durante a graduação de participar de atividades introdutórias à docência.

Por outro lado, temos também estudantes participativos em atividades extracurriculares como cursos, oficinas, atividades culturais e pedagógicas que possibilitam a eles, da mesma forma, a aquisição de novos conhecimentos complementares a sua formação. Não à toa, muitos cursos, em seus projetos pedagógicos, exigem a realização dessas atividades como ações para integralização do currículo. O problema é que as universidades, especialmente os *campi* menores, com baixo orçamento e número reduzido de professores, não conseguem promover a contento esse tipo de atividade.

Na mesma linha, temos uma demanda da comunidade externa por atividades oferecidas pelas universidades, especialmente as públicas, que possibilitem oportunidades de aperfeiçoamento, de discussão e de ampliação de horizontes cognitivos e culturais, ou seja, ações que contribuam para um processo permanente de aprendizagem. Atender a essas demandas externas, oferecer oportunidades de integração da instituição com os grupos sociais que estão no seu entorno é também uma das responsabilidades das instituições de ensino, principalmente por meio das suas políticas extensionistas, que juntas do ensino e da pesquisa, se constituem nos três pilares da atividade universitária.

Nessa perspectiva, o projeto de extensão TEIA visa promover um conjunto de oficinas e minicursos ministrados por alunos e ex-alunos dos cursos de graduação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT/CUA para pessoas da comunidade acadêmica interna e da comunidade externa, formada por moradores da região do médio Araguaia, contemplando, especialmente, as três cidades que fazem parte do aglomerado urbano conhecido como “Grande Barra”: Barra do Garças e Pontal do Araguaia, em Mato Grosso, e Aragarças, em Goiás, cidades separadas apenas pelos rios Garças e Araguaia e que juntas somam quase 100 mil habitantes. Nessa localidade, a UFMT configura-se como principal instituição de ensino e polo irradiador de conhecimento.

A intenção do projeto é fomentar o compartilhamento dos saberes adquiridos por esses estudantes ao longo da sua trajetória acadêmica: nas disciplinas cursadas, nos grupos e projetos de pesquisa e extensão, nos programas de monitoria e em diversos outros espaços e atividades de construção de conhecimento que a universidade proporciona, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão.

No caso da pesquisa e do ensino, por exemplo, é importante salientar, como faz Chizzotti (2002, p. 103), que essas atividades são interdependentes e se auxiliam mutuamente.

Para Teixeira e Santos(2010, p. 362),“(…) a pesquisa é uma atividade da vida cotidiana que se sistematiza e amplia o conhecimento, mas que também pode desenvolver muito o ensinoe, finalmente, é necessário considerar que o ensino precisa apoiar-se na pesquisa”. Da mesma forma, as atividades de extensão ajudam a promover uma relação próxima com a comunidade na qual a universidade está inserida, um intercâmbio, contribuindo para a disseminação e democratização de saberes produzidos nos espaços internos e, ao mesmo tempo, trazendo a comunidade para dentro desses ambientes de formação.

Esse tipo de prática pode ser capaz, inclusive, de ampliar a publicidade dos conhecimentos construídos no âmbito das disciplinas, dos projetos e grupos de pesquisa e extensão e de levá-los a outras esferas, ou seja, de disseminar e popularizar aquilo que normalmente fica restrito a determinados espaços e contextos internos da universidade. Cria-se, junto aos educandos, a possibilidade de que possam compartilhar seus conhecimentos e, nesse processo, possibilitar que eles próprios também cresçam e aperfeiçoem o trabalho desenvolvido, bem como aqueles que se beneficiarão dos saberes partilhados.

Essa socialização ajuda no processo de amadurecimento acadêmico e intelectual de todos os envolvidos. Ao trabalhar com atividades educativas nas quais os próprios estudantes da UFMT/CUA são os principais agentes, o projeto propicia um movimento circular de ensino-aprendizagem, de troca de conhecimentos: o aluno que em um momento assume o papel de professor, aperfeiçoando e amadurecendo seus conhecimentos e seu interesse por meio do exercício da pesquisa e da prática docente (tal como a proposta dos programas de monitoria), em outra ocasião poderá estar na posição de aprendiz de outros conteúdos ministrados por seus colegas ou ex-colegas, enriquecendo seu repertório técnico e cultural.

Da mesma forma, cria-se um ambiente pedagógico mais informal, colaborativo e receptivo também às pessoas da comunidade externa que buscam na instituição oportunidades de educação (continuada, especialmente) para além dos cursos regulares de longa duração por ela oferecidos, em sua maioria dependentes de processos burocráticos e rígidos de seleção que acabam distanciando o ambiente universitário da realidade de grande parte dessa população.

Para Hernandez (2010, p. 195),

[...] existe un contexto nuevo e inmensamente rico en posibilidades de aprendizaje, aquellas metodologías o herramientas que permitan manejar el contexto informal, personal y profesional, vital en definitiva, de las personas, serán las necesarias.

## Metodologia

Nesta primeira edição do projeto estão sendo oferecidos ao público interno e externo nove minicursos e oficinas, com duração entre 4 e 12 horas. As atividades são supervisionadas por mim, o professor coordenador, e abordam temas como comunicação alternativa, gestão de comunicação em mídias sociais, movimentos de luta feminina, literatura negra, moda, identidade e cultura, produção em vídeo, redes sociais, *fake news* e crimes contra a honra em ambientes virtuais. A ideia é oferecer um leque de oportunidades para que os participantes possam ampliar seus conhecimentos técnicos, sociais e culturais.

As atividades, que são realizadas segundo a metodologia da exposição, do diálogo e do debate, acontecem durante a semana, em um, dois ou três dias seguidos, conforme a carga horária de cada uma, ou aos sábados para atender ao público que trabalha. O número de vagas em cada curso varia de acordo com a disponibilidade de espaço físico e equipamentos necessários à sua realização, como laboratórios e computadores, variando de 25 a 60.

Os ministrantes dos minicursos e oficinas são alunos ou ex-alunos de cursos do Instituto de Ciências Humanas e Sociais que, em grande parte, estão ou estiveram envolvidos em atividades de extensão, pesquisa e monitoria e trazem dos projetos dos quais participam ou participaram os conhecimentos para o bom desempenho da atividade de compartilhamento de saberes, além de terem a oportunidade de difundir os resultados de suas pesquisas e experiências.<sup>2</sup>

Para a seleção de temas o critério inicial foi o de abordar assuntos que pudessem ser úteis e atraentes tanto à comunidade interna quanto externa e que fossem objeto de projetos de pesquisa, extensão, monitorias e tutorias no ICHS e com potencial para serem abordados em atividades de curta duração. Em seguida, foi feito um levantamento com professores e alunos dos cursos de Jornalismo, Direito, Letras e Geografia no sentido de prospecção de estudantes e ex-estudantes cuja trajetória acadêmica e/ou profissional os habilitasse a exercer a função de ministrantes das oficinas e minicursos.

Na terceira etapa, chegou-se à definição do número de atividades viáveis de serem realizadas no período de duração do projeto, considerando o calendário acadêmico do campus Araguaia, bem como a configuração mais adequada para cada uma delas (oficina ou minicurso) e a sua duração (de 4 a 12 horas). Caso alguma atividade tenha procura acima do

---

<sup>2</sup>A exceção é o minicurso "O fanzine como meio alternativo e democrático de comunicação", ministrado por mim, ao final do ciclo, procurando a partir desse conteúdo, articular outros elementos trabalhados nas demais atividades.

limite de vagas oferecidas, considera-se a possibilidade de oferta-la novamente, em edição extra, próximo do encerramento do projeto.

Dessa forma, foram propostas nove atividades (seis minicursos e três oficinas) assim caracterizadas:

Minicurso "Putas, Vadias e Feministas: As mulheres que marcham de corpo e alma". Ministrado pela graduanda do Curso de Jornalismo Joice Luana Gonçalves dos Santos, integrante do projeto de pesquisa "Feminismo e campesinato: a voz das mulheres do campo", monitora das disciplinas Fundamentos da Cultura Brasileira e Regional e Produção e Edição em TV. O objetivo geral da atividade é discutir a desigualdade de gênero no Brasil e no mundo, bem como debater os processos de luta dos movimentos feministas por igualdade de gênero no país. Ainda, visualizar as principais bandeiras e reivindicações das maiores marchas que acontecem no Brasil, como a Marcha das vadias e a Marcha das margaridas. Carga horária: 4h.

Minicurso "Literaturas africanas dos países de língua portuguesa". Ministrantes: Mirella da Silva Luz Couto, Bárbara Monielly Silva, Isadora Barreto Bacchin e Danielle Gonçalves Sena, alunas do Curso de Letras e integrantes do grupo de pesquisas "Literaturas de língua portuguesa: interculturalidade e descolonização". O minicurso aborda o contexto histórico e a produção literária de países da África negra: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. Carga horária: 8h.

Minicurso "Moda e estilo como expressões de identidade social e cultural". Ministrante: Gabriel Green Fusari, aluno do Curso de Jornalismo, estudioso de moda e repórter colaborador do jornal Diário da Manhã, de Goiânia. O curso aborda como a moda e o estilo, enquanto fenômenos da cultura nas sociedades modernas, contribuem para a configuração e a expressão de identidades sociais e culturais. Carga horária: 4h.

Minicurso "Redes sociais, Fake News e os crimes contra a honra: calúnia, injúria e difamação". Ministrante: Tiago de Oliveira, aluno do Curso de Direito, bolsista do Programa de Apoio à Inclusão Indígena, ex-integrante do Grupo de pesquisa em dano existencial, do projeto de extensão GPd-Bio e monitor da disciplina Teoria Geral do Estado. Carga horária: 8 horas.



Oficina “As potencialidades do jornal mural”. Ministrantes: graduandos do Curso de Jornalismo, Rafael Vasconcelos de Aguiar e Adailson Pereira, integrantes dos projetos de extensão Focaia e Educomunicação. A atividade trabalha as principais técnicas e potencialidades de utilização do jornal mural em diferentes contextos: nas escolas, nas empresas, em ONGs e entidades. Carga horária: 12h.

Minicurso “Estratégias de gestão e comunicação em mídias sociais”. Ministrante: Jhonatas Luis Silva Pereira, ex-aluno do Curso de Jornalismo e gestor de mídias sociais de empresas em Barra do Garças. O minicurso aborda técnicas e estratégias de gestão e comunicação em mídias sociais para empresas, ONGs e entidades de diversas naturezas. Carga horária: 8h.

Oficina "Ilustrador para criação de produtos visuais: folder, flyer e cartaz". Ministrante: Luana Oliveira, monitora da disciplina de Planejamento Gráfico do Curso de Jornalismo. A oficina apresenta as principais técnicas e conceitos estéticos para criação de produtos visuais como folders, flyers e cartazes. Carga horária: 12h.

Oficina "Produção de Stand up e Boletim em vídeo". Ministrantes: Adailson Pereira, integrante do projeto de extensão Focaia, Educomunicação e monitor da disciplina Produção e edição e TV e Joice Luana, integrante do projeto de pesquisa "Feminismo e campesinato: a voz das mulheres do campo", monitora das disciplinas Fundamentos da Cultura Brasileira e Regional e Produção e Edição em TV, ambos do Curso de Jornalismo. Carga horária: 12h.

Minicurso “O fanzine como veículo alternativo e democrático de comunicação”. Ministrante: Gesner Duarte Pádua, professor do curso de Jornalismo. O minicurso trabalha o potencial comunicativo dos fanzines, em mídia impressa e digital, bem como suas possibilidades como veículo alternativo e independente para a divulgação plural e democrática de ideias e informações. Discute sobre as possibilidades de utilização de meios alternativos de comunicação e expressão em diversos âmbitos (artístico, jornalístico, comunitário, político, educacional) entendendo essa atividade como um bem social público importante para o desenvolvimento de uma sociedade

mais democrática e plural quanto á circulação de ideias e informações. Carga horária 8h.

As inscrições são realizadas por meio de formulário eletrônico na plataforma *Google Docs*, contendo informações sobre a atividade, questões para identificação dos participantes e outras que permitem conhecer o seu perfil, como faixa etária, nível de escolaridade e cidade onde reside<sup>3</sup>.

Antes de cada atividade, entretanto, é necessário realizar um trabalho de divulgação tanto interna quanto externa. Isso começa, geralmente, com uma semana de antecedência e se dá através de postagens diárias em uma *fanpage* no Facebook, criada especialmente para dar visibilidade ao projeto (<https://www.facebook.com/projetoteiaufmt>), e por meio de *releases* enviados à imprensa local e a entidades representativas da UFMT como diretórios e centros acadêmicos. As postagens na página são replicadas em outras páginas e grupos nas redes sociais, visando aumentar a propagação da informação e o número de pessoas atingidas.

Por conta da inexistência de verba para os projetos de extensão, as redes sociais e a imprensa são os principais veículos de divulgação gratuita das atividades, já que a publicidade por meio de suportes físicos, como cartazes, é demasiadamente onerosa e a tradicional divulgação oral é trabalhosa e pouco eficiente quando se intenta atingir um público mais amplo, especialmente da comunidade externa.

Na medida em que as atividades vão sendo realizadas, forma-se um banco de dados com e-mails dos participantes, o que ajuda na publicização das atividades seguintes, pois, além dos meios citados acima, a divulgação também pode ser feita por mailing às pessoas que já estão cadastradas.

A divulgação é uma etapa muito importante e deve ser bem planejada desde o início do projeto, inclusive com a criação de artes gráficas que subsidiam a divulgação em todas as plataformas digitais, chamando a atenção para as atividades e despertando o interesse para a inscrição. Em sua maioria, essas composições gráficas são criadas pelo coordenador do projeto a partir da temática e do conteúdo já definido de cada oficina e minicurso. Em alguns casos, elas também podem ser confeccionadas pelos próprios estudantes ministrantes, quando eles têm domínio dos princípios da comunicação visual. É importante que se garanta o

---

<sup>3</sup> Como exemplo, pode-se conferir o formulário do minicurso “Moda e estilo como expressões de identidade social e cultural”, realizada em 12/09/2018. Disponível no link: <https://goo.gl/forms/KiJAQNo2s84CVppy1>

mínimo de qualidade estética às peças de divulgação para não se criar uma impressão de amadorismo, o que pode afastar o público alvo em potencial.

O método de avaliação das oficinas e minicursos fica a cargo de cada ministrante. Pode incluir desde avaliação oral, avaliação da participação, interação e dinâmicas de grupo até atividades escritas. Já a avaliação do projeto é realizada pelo coordenador junto aos estudantes ministrantes através de discussões e questionário aplicado após cada atividade, e ainda junto aos inscritos também por meio de formulário ao fim de cada minicurso ou oficina. Essa avaliação possibilita planejar as futuras edições do projeto e corrigir eventuais falhas no decorrer de sua execução, possibilitando aperfeiçoamentos rápidos.

O projeto foi proposto em edital de fluxo contínuo e, portanto, não conta com bolsistas. Desse modo, o professor coordenador executa tanto funções logísticas, como reserva de salas e equipamentos, quanto de divulgação e de supervisão pedagógica, discutindo com os estudantes ministrantes das atividades o recorte dos temas a serem abordados, o conteúdo programático e orientando as práticas didáticas mais adequadas ao seu desenvolvimento. Esse contato constante com o coordenador possibilita aos ministrantes o estímulo e o aprendizado em termos de planejamento, organização e reflexão pedagógica acerca do conteúdo sobre o qual eles têm domínio e que servirá de matéria prima para os minicursos e oficinas.

Como o coordenador é responsável sozinho por todas essas atividades, o período inicial de planejamento e organização consumiu cerca de dois meses (maio e junho). As oficinas e minicursos começaram em julho e têm sido realizadas, geralmente, em intervalos de 15 a 20 dias.

Este primeiro ano do projeto TEIA, com tal configuração, será uma experiência. Caso a avaliação seja positiva, a ideia é, nas próximas edições, integrar também alunos e professores de outros institutos da UFMT/CUA, bem como profissionais e pessoas da comunidade externa que possam atuar como ministrantes das oficinas e minicursos, contribuindo de forma mais ampla para aquele que é o objetivo principal do projeto: colocar a universidade no centro de uma teia, de uma rede de disseminação e compartilhamento de saberes que envolva alunos, ex-alunos, professores e moradores da região.

## Resultados iniciais e discussão

Até setembro de 2018 foram realizados quatro minicursos<sup>4</sup>. A demanda ficou acima do esperado. No início do projeto, o público total estimado era de 180 pessoas, entretanto, apenas nas quatro primeiras atividades foram registradas 190 inscrições. Podemos atribuir a grande procura ao intenso trabalho de divulgação nas redes sociais, perceptível pelo retorno em termos de engajamento na página do projeto no Facebook, com um número expressivo de curtidas, comentários e compartilhamentos. Como salientei antes, a divulgação tanto nas redes sociais quanto na imprensa local é essencial para a publicização das atividades, especialmente para a comunidade externa.

Das 190 inscrições realizadas, 121 pessoas compareceram (64%). Isso nos levou, a partir do terceiro minicurso, a trabalhar de forma mais flexível com o registro das inscrições, contando sempre com a presunção de uma margem de desistências. Dessa forma, por exemplo, se o total inicial de vagas oferecidas é de 30, o formulário online fica aberto até que sejam recebidas, geralmente, 40% de inscrições a mais que esse limite, ou seja, 42. Assim, é possível estimar que, ao final, contando com os desistentes, o número de inscritos que efetivamente comparecerão fique próximo ao das vagas inicialmente previstas. Mas, por precaução, sempre que possível procura-se reservar salas mais amplas, pois tem sido recorrente a presença de interessados que não usam a plataforma eletrônica e deixam para realizar a inscrição no próprio local do curso. Quando há acomodações suficientes, essas inscrições em cima da hora têm sido aceitas. A exceção são as atividades que dependem de um número limitado de equipamentos. Nessas, apenas as inscrições online até o limite das vagas e com confirmação por email são validadas.

O levantamento dos dados colhidos nos formulários até o momento mostra o perfil dos interessados nos minicursos e atividades. Dos 190 inscritos, a grande maioria, 79,5%, é de jovens entre 15 e 25 anos. A partir dessa faixa etária há um declínio acentuado: de 26 a 35 anos são 10,2%; de 36 a 45 anos, 6,2%; de 46 a 55 anos, 3,7% e acima de 55 anos, 0,4%. Apesar de a maior parte ser de jovens em idade escolar (Ensino médio e superior), a procura por pessoas com mais de 25 anos e até acima de 55 anos foi significativa e surpreendente em relação ao público inicialmente previsto.

---

<sup>4</sup> Houve um atraso no cronograma inicial de execução das atividades por conta de uma paralisação discente, que durou cerca de dois meses. Assim, os minicursos e oficinas, previsto para terem início no final de maio de 2018, começaram, efetivamente, em julho.



Provavelmente, os temas das atividades oferecidas influenciaram muito no perfil etário dos inscritos. A maioria dos interessados com mais de 25 anos se concentrou no minicurso “Literaturas africanas de países de língua portuguesa”, que foi, inclusive, o que teve maior procura até o momento. Nessa atividade recebemos uma quantidade razoável de profissionais experientes- professores especialmente- que buscaram o minicurso para se capacitar visando a atuação nas suas escolas. É que desde 2003 o Brasil possui uma lei (10.639) que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio. Entretanto, segundo uma das ministrantes da atividade, Mirella Couto, hoje, quinze anos depois da entrada em vigor da lei, poucas escolas debatem, realmente, sobre o tema. Uma das razões é a falta de capacitação específica dos docentes. Durante a realização da atividade, muitos confirmaram essa informação e relacionaram a obrigação legal ao seu interesse pelo minicurso, o que nos impele a pensar, para as próximas edições do projeto, em outros minicursos voltados mais especificamente em suprir as demandas dos profissionais de educação da região.

Do total de inscritos, 82,7% declararam ser alunos da UFMT/CUA. Para as próximas atividades, o desafio é buscar novas estratégias para ampliar a participação de pessoas da comunidade externa.

A grande maioria dos inscritos, 81,4%, reside em Barra do Garças. 7,7% moram em Aragarças e 6,9% em Pontal do Araguaia, confirmando a estimativa inicial, durante a proposição do projeto, de um público predominantemente regional para o qual a UFMT Araguaia se constitui no principal polo educacional e salientando a importância e a necessidade de a Universidade oferecer a essa comunidade atividades de extensão de caráter formativo como minicursos e oficinas. 4% disseram morar em outras cidades.

Ainda em relação ao perfil do público inscrito, quanto as suas atividades profissionais, predominam estudantes, seguidos de professores de ensino médio e fundamental, havendo também outras categorias de caráter bastante heterogêneo como eletricitista, técnico administrativo, autônomo, secretária, técnico em nutrição, fotógrafo e funcionário público.

Algumas atividades foram pensadas, inicialmente, para terem até 12 horas (três dias de duração), pois tinham carga técnica mais acentuada e necessitavam de abordagem mais detalhada. Entretanto, percebeu-se, nos quatro minicursos realizados até agora, que os participantes preferem atividades com duração menor, de 4 horas, que podem ser realizadas em apenas um dia. Dessa maneira, está sendo avaliada a pertinência de abreviar as atividades

com duração maior já programadas, condensando as de 12 horas em 8 horas e as de 8 em 4 horas.

Como já foi mencionado, além da difusão de conhecimentos, formando uma rede colaborativa de compartilhamento de saberes, outro objetivo do projeto é de propiciar aos estudantes ministrantes uma experiência introdutória à docência, fazendo com que eles relacionassem os conhecimentos construídos nos projetos de pesquisa, extensão, tutorias e monitorias à prática docente, desenvolvendo ou refinando sua capacidade de planejamento, organização e didática.

Nesse sentido, destaco abaixo alguns excertos do questionário avaliativo<sup>5</sup> aplicado aos ministrantes dos quatro minicursos realizados até setembro de 2018 nos quais é possível perceber como a participação no projeto contribuiu para tal objetivo.

Todos ressaltam que para ministrar as atividades precisaram se dedicar ao aprofundamento dos conhecimentos que já tinham em relação ao tema, revendo estudos e realizando novas pesquisas:

A preparação para o minicurso exigiu estudo, revisão de conteúdos e o aprendizado de novos assuntos, agregando conhecimento além do que eu já havia adquirido ao longo da graduação. Sempre é possível aprender mais, e essa foi mais uma oportunidade. **Tiago Oliveira**

Eu me dediquei totalmente aos estudos, pesquisando conteúdos novos e revisando tudo o que eu já havia trabalhado no meu projeto de pesquisa, de modo que eu conseguisse ser clara e que os participantes da oficina se interessassem mais sobre o assunto. Toda pesquisa feita nesse processo foi muito proveitosa e me acrescentou muito. **Isadora Barreto**

---

<sup>5</sup> O questionário avaliativo foi aplicado via email aos ministrantes dos minicursos “Putas, Vadias e Feministas: As mulheres que marcham de corpo e alma”, Joice Luana Gonçalves dos Santos; “Literaturas africanas dos países de língua portuguesa”, Mirella da Silva Luz Couto, Bárbara Monielly Silva, Isadora Barreto Bacchin e Danielle Gonçalves Sena; “Moda e estilo como expressões de identidade social e cultural”, Gabriel Green Fusari” e “Redes sociais, Fake News e os crimes contra a honra: calúnia, injúria, e difamação”, Tiago de Oliveira. Foram apresentadas cinco questões: 1- Como você avalia, em termos gerais, a experiência de participar como ministrante de minicurso/oficina? 2- Como foi a sua preparação para o minicurso/oficina e que benefícios isso lhe trouxe como estudante ou profissional? Agregou conhecimentos aos que você já havia adquirido ao longo da sua graduação? 3- Você precisou pesquisar sobre o assunto ou aprofundar seus conhecimentos adquiridos na graduação para ministrar o minicurso? De que forma isso foi positivo para você? 4- Um dos objetivos do projeto TEIA é fazer com que o estudante ou recém-formado tenha contato com a experiência da docência, pois, naquele momento, ele precisa desempenhar uma série de atividades típicas de professor, como pesquisa, planejamento de aula, didática. Discorra sobre como ministrar o minicurso o ajudou nesse contato com a atividade de professor. 5- Como você avalia, especificamente, a experiência de compartilhar os conhecimentos que você adquiriu durante a graduação com os seus colegas, dentro da perspectiva de a universidade ser um lugar de disseminação de saberes.

Muitos colegas me procuraram posteriormente querendo se aprofundar em alguns temas para no futuro serem também parte dessa teia de conhecimento e difusão. **Joice Luana Gonçalves**

[...] adquirir, sim, novos conhecimentos, descobri coisas novas, confirmei hipóteses que eu buscava em minhas análises. [...] muitas vezes esses conhecimentos adquiridos são compartilhados apenas com pessoas do nosso meio. E, através do minicurso, estudantes de diferentes cursos e professores tiveram acesso a essa Literatura Africana de Língua Portuguesa. Tiveram acesso as recomendações dos livros literários que possivelmente possam fazer futuras leituras que marcam, chocam, informam. [...] a universidade é o ambiente certo para a disseminação de saberes, pois, infelizmente, quando se trata de Literatura Africana vamos ter acesso a ela nas universidades. **Mirella Luz Couto**

Os estudantes ministrantes também destacam a possibilidade que as atividades criaram de pensar no planejamento da aula, em estratégias didáticas para atrair e manter a atenção dos participantes, na postura diante de uma turma e até na dicção. Avaliam a participação no projeto como uma experiência positiva de introdução à docência.

Sem dúvida alguma, a construção e a apresentação me trouxeram experiência de como "criar e dar uma aula" e como expor meus conteúdos de forma direta e didática. [...] O fato de montar aula, saber segurar a onda em como falar, como agir, como lidar com o tempo e como dar a atenção ao aluno interessado (e até aos desinteressados) foi primordial na administração da aula, assim, para eu que nunca tive acesso a este lado didático, pude experimentar e sentir na pele como é. **Gabriel Green Fusari**

Acredito que esse projeto é um fomento muito importante para nos colocar no dia a dia da docência e ao mesmo tempo nos conectar com o outro. **Joice Luana Gonçalves**

Acredito que para nós do curso de licenciatura é de suma importância participar de projetos como este, uma vez que, são oportunidades para desenvolvermos nossas capacidades de dicção, postura, raciocínio lógico de conteúdo. Enfim, habilidades que são exigidas de um futuro profissional da educação. [...] A docência é minha futura profissão. Já passei por experiências similares nas disciplinas de Práticas de Estudos e Estágio, e, também, no grupo de pesquisa. Acredito que o minicurso veio para acrescentar na minha formação enquanto futura professora. **Mirella Luz Couto**

Me fez ter contato com essa experiência, e me ajudou a ter uma visão de como realmente é dar aula, que não é apenas passar informações. **Danielle Gonçalves Sena**

Para mim, além dos conhecimentos sobre os conteúdos estudados, aprendi como preparar um minicurso, e hoje tenho me sinto um pouco mais preparada para falar sobre as literaturas africanas e de língua portuguesa. **Bárbara Monielly**

Esses projetos que incentivam a prática docente são muito enriquecedores, ainda mais para um acadêmico de licenciatura. Apesar de todo nervosismo, foi muito bom ter esse contato com a sala de aula. [...] não se trata apenas de

dividir ou repassar informação, mas sim abrir espaço para a troca, para o crescimento, seu e do outro. **Isadora Barreto**

Além deste minicurso, ao longo da graduação fui e sou monitor, desempenhando atividades relacionadas ao ensino, típicas de professor. A ministração reforçou o meu desejo de ir além da graduação no universo acadêmico, pretendo fazer especializações e aprofundar meus estudos neste sentido. **Tiago Oliveira**

## **Considerações finais**

As universidades públicas brasileiras, especialmente as do interior, são obrigadas a lidar com estruturas cada vez mais enxutas, propiciadas pela falta de investimentos governamentais. Esse é um problema que interfere diretamente nas atividades de ensino, pesquisa e, principalmente, extensão já que é nessa área que se concentra a maior parte das ações extracurriculares voltadas à comunidade externa. Com um quadro de professores enxuto, por exemplo, obrigado a se dedicar quase que exclusivamente ao ensino nos cursos de graduação, é muito difícil ofertar aos moradores das cidades onde essas instituições de ensino estão localizadas atividades de extensão que possuam um caráter de formação continuada, como minicursos e oficinas. São atividades capazes de contribuir enormemente para o enriquecimento técnico, cultural e humanístico dessa população. Dessa forma, inibe-se uma das principais funções das universidades públicas que é a disseminação de saberes, de forma ampla e democrática. No que se refere ao público interno, os discentes reclamam de uma carência de atividades extracurriculares que lhes oportunize uma formação complementar mais diversa, para além dos cursos regulares de graduação.

Por outro lado, há uma significativa parcela de estudantes que se dedicam ativamente à construção e aprofundamento de seus conhecimentos participando com afinco de atividades de ensino, de pesquisa, extensão, monitoria e tutoria. São, como já mencionei, verdadeiros “especialistas” em determinados temas, cujo talento poderia ser mais bem aproveitado no sentido de contribuir para levar à comunidade interna e externa esses saberes diversos construídos ao longo do seu percurso acadêmico. Prestariam, assim, valioso auxílio os professores no incremento de ações de disseminação de conhecimentos por meio da extensão, tentando superar um pouco as limitações estruturais citadas anteriormente que tanto prejudicam uma aproximação maior da universidade com a comunidade em que ela se insere. Como benefício extra, essa participação mais efetiva dos estudantes ainda pode propiciar a eles conhecimentos novos no que diz respeito à pesquisa e a uma introdução à docência já que para ministrar tais oficinas e minicursos é necessário aprofundar os estudos e pensar estratégias didáticas, de planejamento e organização.



Foi esse quadro de perspectivas de ganhos tanto para os próprios alunos quanto para a comunidade externa que motivou a criação do projeto “Teia”, cuja experiência foi relatada ao longo deste artigo. O trabalho ainda está em curso, mas os resultados parciais permitem concluir que estamos no caminho certo. Nas atividades realizadas até o momento a procura tanto por parte dos estudantes da UFMT/CUA quanto da comunidade externa ficou acima do previsto. Esse interesse mostra a existência de uma demanda por atividades formativas complementares cuja principal responsabilidade de promoção recai sobre os projetos de extensão. No que diz respeito à experiência do projeto “Teia”, tem se mostrado evidente que colocar estudantes na função de ministrantes de minicursos e oficinas, tanto para seus colegas quanto para pessoas da comunidade externa, além de formar uma rede colaborativa de compartilhamento de saberes cujo centro é a própria instituição, ainda contribui para incrementar a própria formação acadêmica desses alunos, fomentando a pesquisa e introduzindo-os à atividades típicas da docência. Como consequência, desperta-se neles o interesse por essa função e abre-se um horizonte de possibilidades quanto a sua atuação profissional futura.

## Referências

BINDER, Inés. **El Proyecto Facebook y la posuniversidad: sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje**. Buenos Aires: Ariel Editora/Fundação Telefónica, 2010.

CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Campinas: Papirus, 2001, p. 103-112.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino como pesquisa. *In:*

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. *In: Revista de Educação*, Vol. XVIII, nº 1, 2011. Disponível em: [http://revista.educ.fc.ul.pt/arquivo/vol\\_XVIII\\_1/artigo1.pdf](http://revista.educ.fc.ul.pt/arquivo/vol_XVIII_1/artigo1.pdf). Acesso em: 10/11/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERNÁNDEZ, Dolors Reig. Un mundo de medios infín: cambios en aprendizaje, Facebook y la apoteosis de las aplicaciones expresivas. *In: PISCITELLI, Alejandro; ADAIME, Iván;*

MARTINEZ, Cristina Alemañy. Redes sociales: una nueva vía para el aprendizaje. *In: Cuadernos de Educación y Desarrollo*, Vol 1, Nº 1, mar/2009. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ced/01/cam4.htm>. Acesso em: 20/11/2017.

MASETTO, Marcos Tarcísio. Atividades pedagógicas no cotidiano da aula universitária: reflexões e sugestões práticas. *In*: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Campinas: Papyrus, 2001, p. 83-102.

TEIXEIRA, Geovana Ferreira Melo; SANTOS, Patrícia Peixoto dos. Docência universitária: percepções a partir do quadro teórico dos saberes docentes. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 355-376, jul./dez.2010.

